



Cultura(s) dos países que falam a língua inglesa: Problematizações iniciais sobre o ensino do inglês a partir de um viés Multi(pluri)cultural e decolonial

Viviane Kate Pereira Ramos¹

RESUMO

A referida pesquisa tem como tema central o debate entorno da questão da(s) cultura(s) dos países que falam a língua inglesa. A partir das discussões, buscamos responder ao objetivo geral proposto para o trabalho que é, portanto, compreender os desafios e possibilidades de decolonizar o ensino de língua inglesa no ensino básico, mediante a perspectiva da multi(pluri)culturalidade, a fim de desconstruir perspectivas centradas na hegemonia de uma única cultura, herança das investidas colonialistas onde o poder econômico e cultural esteve centrado em países como Inglaterra, Austrália e, principalmente, Estados Unidos, tendo este aumentado seu poder de influência a partir da globalização mediante sua ascensão econômica. Metodologicamente, a abordagem da pesquisa é qualitativa, documental e bibliográfica, baseado no levantamento das ideias de: Marcondes (2009); Kramersch (1998); Bagno (2001), entre outros. Os dados da pesquisa foram levantados através de formulário de entrevista via Google forms. Dessa forma, entendemos que não há uma língua que não passe por influências, pois ela está diretamente relacionada aos fatores de ordem histórica e cultural. Na contemporaneidade a língua está sujeita aos usos que cada grupo social faz dela, não sendo possível falarmos de um “inglês correto”, o que presenciamos é o poder de influências culturais, políticas e econômicas de uma nação em detrimento de outras, cabendo ao professor apresentar as diversidades presentes em diversos países que falam o Inglês e correlacioná-las as realidades culturais dos educandos mediante o contexto multi(pluri)cultural, afim de decolonizar o ensino de língua inglês.

Palavras-chave: Multi(pluri)culturalidade, Língua inglesa, Diversidades, Decolonizar.

1 INTRODUÇÃO

Durante os séculos XVIII e XIX, o Império Britânico detinha um forte poder de influência em diversas regiões do planeta, tendo sob seu comando o equivalente a cerca de um quarto do planeta, se fazendo presentes com seu poderio desde a Índia à África do Sul. Essa conjuntura política e econômica passa a delinear uma expressiva influência no âmbito cultural, resultando no aumento do número de lugares que falam inglês, como é o exemplo da Austrália e Estados Unidos (EUA).

Essa estrutura de domínio baseado no modelo colonizatório foi mantido no século XX, quando EUA toma o exemplo de seus colonizadores ingleses e dão continuidade a expansão do inglês pelo mundo, porém, o viés cultural se tornou extremamente importante alinhado aos fatores de ordem econômica e diplomática, panorama que possibilitou e ainda vem se mostrando fundamental para concretização dos interesses do imperialismo norte-americano,

Assim, entendemos que as influências linguísticas ocorrem devido a fatores de ordem social, cultural, econômica e histórica, principalmente a partir da globalização. No que se refere a língua inglesa,

¹ O artigo é fruto de pesquisa iniciada na disciplina “Prática Interdisciplinar” (2023), do curso de Graduação em Letras Inglês do Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI).



podemos observar sua influência mediante o delineamento das premissas dos três círculos, sendo eles o círculo interno, o círculo externo e o terceiro círculo. Neste contexto, o Brasil está situado neste último círculo, formado por países que utilizam o inglês como língua estrangeira, mas não é oficial. Além do Brasil, China, Japão e outros países entram neste círculo.

O referido estudo é de abordagem qualitativa, documental e bibliográfico, baseado no levantamento das ideias de: Marcondes (2009); Kramersch (1998); Bagno (2001) e suas perspectivas teóricas sobre a temática, e os dados levantados através de formulário de entrevista via formulário do Google compartilhado on-line. A partir do questionário e da bibliografia foi possível responder o problema da pesquisa que se estruturou a partir do questionamento sobre em que medida o poder de influência dos Estados Unidos, ainda que dentre a(s) cultura(s) dos países que falam a língua inglesa, Inglaterra e Austrália também tenham um destaque influente, em diversos seguimentos (político, econômico, cultural, entre outros), potencializado pelas revoluções tecnológicas, pode ter possibilitado a construção de percepções culturais e linguísticas que o colocam como detentores de um “inglês correto” (sem influência de sotaques) e culturalmente estático.

A pesquisa tem por objetivo compreender os desafios e possibilidades de decolonizar o ensino de língua inglesa no ensino básico, mediante a perspectiva da multi(pluri)culturalidade, desconstruindo a perspectiva centrada na hegemonia de uma cultura que, consciente ou inconscientemente, associa a língua inglesa como pertencente exclusivamente a EUA e Inglaterra, logo, seriam os nativos destes países detentores do “inglês correto” e original.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Trazer para o processo de ensino e aprendizagem a perspectiva multicultural da língua inglesa não apenas enriquece intelectualmente o aluno na aprendizagem da língua, como conscientiza-o quanto as diversidades socioculturais ao discutir acerca das transformações destas a partir dos processos históricos, ocasionam a compreensão de que a língua não é estática, pois como afirma Bagno (2001, p. 51), “A língua tem essa qualidade admirável de ser, ao mesmo tempo, um fenômeno histórico-social, público portanto, é um elemento constitutivo da individualidade particular de cada cidadão e cidadã.”, e sendo estes sujeitos históricos, ocupam espaço diversos que apresentam conjunturas culturais próprias e que não estão isentos de sofrerem influências internas e externas.

Canclini (2004, p.14) afirma que “[...] o mundo multicultural como a justaposição de etnias ou grupos em uma cidade ou nação”, valoriza a diversidade de culturas, ainda que se tenha claro suas diferenças, sendo necessário serem tratadas com relatividade, logo, destaca-se que as influências culturais não levam a um apagamento da cultura do “outro”. Essa postura está alicerçada na concepção da alteridade, que implica conhecer outras culturas nos permite conhecer a nossa cultura, que por sua vez, possibilita reconhecer que somos uma cultura entre tantas outras (LAPLANTINE, 2006, p. 36).



Na verdade, quando estas trocas, linguístico-cultural, ocorrem sem a perspectiva da dominação, sujeição ou a valorização de uma em detrimento da outra, o resultado dessa dinâmica influencia na diversidade da cultura de ambos os envolvidos proporcionando enriquecimento destes, pois tende a se desenvolver uma postura respeitosa e até de admiração ao ver esse “outro”.

Segundo Ortiz (2008) “o global english torna-se universal english [...] Temos assim não apenas uma hierarquia entre os idiomas. Marcando a desigualdade existente entre eles, um elemento sutil de segregação intelectual se instaura” (ORTIZ, 2008, p. 194), nessas considerações há um chamado para refletirmos se não estaríamos sendo condicionados a recepcionar uma cultura como mais importante e poderosa em detrimento de outras, o que nos leva a não refletir sobre as próprias diversidades que uma dada nação apresenta em seu próprio território e qual o lugar, valores das nossas próprias diversidades culturais.

A língua inglesa para a BNCC (2018), compreende esta como franca e de natureza social e política, fator que permite identificarmos a importância de trabalhá-la a partir de diferentes repertórios linguísticos e culturais, de falantes de todas as partes do mundo, tendo em vista que no decorrer dos diversos processos históricos pelos quais a mesma passou, muitas reformulações ocorreram do cerne da sua própria identidade, indo desde língua nacional, colonial e imperial (LE BRETON, 2005) até se tornar língua global, “o que possibilita, por exemplo, questionar a visão de que o único inglês “correto” – e a ser ensinado – é aquele falado por estadunidenses ou britânicos” (BRASIL, 2018, p. 241).

Essa perspectiva multi-plurilíngüística ainda não se faz presente no ensino de ILE, pois esta, ainda apresenta um caráter colonialista, o que leva àqueles estudantes não nativos a um patamar de inferioridade ao submeter estes aos falantes nativos (ALVES; SIQUEIRA, 2020, p. 174), por isso a importância de avançarmos no sentido de compreender a língua franca (ILF) como agente de decolonialidade no Ensino de Língua Inglesa.

Para entender a problemática linguagem e diversidade cultural vamos aprofundar o debate a partir do poema de Bernard Werber (2009), presente no livro ‘Intercultural Communication Salto-Youth Cultural diversity Resource Centre’, podemos analisar como as formas de nos comunicarmos vem se modificando e como é necessário estarmos cada vez mais receptivos a compreender a linguagem mediante sua diversidade cultural, ou seja, adotando uma compreensão multicultural das relações linguísticas e, conseqüentemente, perante os falantes.

Entre o que eu penso,
o que quero dizer,
o que eu acho que estou dizendo,
o que eu digo,
o que você quer ouvir,
o que você pensa que entende,



o que você quer entender
e o que você entende,
há pelo menos nove chances
de que não nos compreendamos.²

Portanto, o ensino de Inglês enquanto língua estrangeira precisa possibilitar aos estudantes observarem que a comunicação eficiente pode ser comprometida devido as dificuldades dos envolvidos de se entenderem, o que se tornou mais evidente com o avanço das tecnologias e o distanciamento físico, tendo em vista que as ferramentas tecnológicas se tornaram os principais meios de comunicação, ocasionando complexas mudanças na linguagem. Essas mudanças vão desde as influências dos empréstimos linguísticos, a diversa rede de contato entre pessoas das mais diferentes regiões do mundo e, obviamente, a complexa relação entre as trocas culturais que estão envolvidas nessa rede, e por mais que tais questões se façam presentes em nosso cotidiano, não é analisada e compreendida pela maioria de nós de maneira tão óbvia.

Na obra ‘Language: an Introduction to the Study of Speech’ – Linguagem: uma introdução ao estudo do discurso, Sapir e seu aluno Benjamin Lee Whorf (1897-1941), destacam a relação entre linguagem, cultura e história. Na obra ‘Language: an Introduction to the Study of Speech’ – Linguagem: uma introdução ao estudo do discurso, Sapir e seu aluno Benjamin Lee Whorf (1897-1941), destacam a relação entre linguagem, cultura e história. A obra é uma importante contribuição para compreendermos a relação entre linguagem e cultura, trata-se da hipótese *Sapir-Whorf*. A fim de compreendermos a contribuição da mesma, Marcondes (2009), destaca que:

A língua de uma determinada comunidade organiza sua cultura, sua visão de mundo, pois uma comunidade vê e compreende a realidade que a cerca através das categorias gramaticais e semânticas de sua língua. Há, portanto, uma interdependência entre linguagem e cultura. Um povo vê a realidade através das categorias de sua língua, mas sua língua se constitui com base em sua forma de vida. (MARCONDES, 2009, p. 68).

É importante ter a compreensão dessas transformações que ocorrem no campo linguístico e cultural, mediante estas será possível entender que a língua inglesa é reflexo dessas dinâmicas estruturadas a partir das diversidades e trocas culturais, tendo em vista que a partir dos traços culturais da Inglaterra, grupos étnicos e afro formou-se a cultura dos EUA, e isso se reflete sob a sua língua. Assim,

Após conquistar uma economia sólida, EUA leva suas influências linguístico-culturais para outras sociedades a partir das investidas colonizatórias, fenômeno através do qual os países colonizados têm o Inglês como língua oficial, exemplo: Gâmbia, Gana, Zâmbia, Uganda, Zimbábue, Serra Leoa, Botsuana; ou

² No original: “Between what I think, What I want to say, What I think I am saying, What I say, What you want to hear, What you hear, What you think you understand, What you want to understand, And what you understand, There are at least nine chances, That we will not understand each other.”



segunda língua: África do Sul, Malta, Índia, Filipinas, Singapura, Camarões, Lesoto. Para efeitos de análises, a partir da charge, disponível logo abaixo, é possível levantar apontamentos sobre o feito dos Estados Unidos e o lugar de destaque que o mesmo conquistou no mundo.

Figura 01 - Imperialismo



Fonte: Site “O Cafezinho”.

Analisando a charge acima, identificamos uma mensagem onde o poder econômico que levou os Estados Unidos a serem reconhecidos como potência mundial, possibilitou que aspectos culturais e econômicos do país fossem assimilados por diversos outros países de diferentes regiões, como é o caso das redes de fast food, músicas, produções fílmicas e os empréstimos linguísticos, pois como destaca Negreiros (2001, p. 64), os empréstimos são reflexos da posição de cultural, social, política e, principalmente, econômica de uma determinada nação em relação às outras.

Diante do exposto, é preciso problematizar o discurso que, ao privilegiar uma nação, constrói uma ideia acerca de um “Inglês correto” tomando um país como referência hegemônica ao se estudar uma dada língua, o que podemos afirmar é que o lugar político, econômico e cultural de um país, exerce um poder de influência sobre outros, como é o caso de EUA. É a partir dessa dinâmica que se dá o surgimento do fenômeno “estrangeirismo”, onde outros países introduzem ao seu vocabulário palavras que fazem parte da língua de uma nação com forte poder de influência, como é o caso do inglês norte americano.

Porém, isso não implica dizer que o Inglês falado fora dos Estados Unidos, Inglaterra ou Austrália, não estão corretos ou são menos valiosos linguisticamente e culturalmente, na verdade, enquanto professores de língua estrangeira, precisamos trazer essas diversidades de países que falam o Inglês para sala de aula e estimular os alunos a pensarem e viverem a língua inglesa a partir de suas vivências linguísticas e culturais, pois segundo Kramsch (1998), as pessoas se identificam como membros de uma sociedade na medida em que podem ter um lugar na história dessa sociedade e se identificar com a maneira como ela recorda-se do



seu passado, direcionando sua atenção para o presente e antecipando o seu futuro. A cultura consiste precisamente desta dimensão histórica da identidade de um grupo³. (KRAMSCH, 1998, p. 7).

As considerações levantadas por Kramsch são de grande importância, pois com a valorização da diversidade cultural e linguística do país ao qual pertence o alunado, ganha-se uma importante oportunidade de valorizar os sotaques, expressões idiomáticas de cada região, e isso não vai leva-los a falar um Inglês menos preciso, pois como afirma estudiosos como Fiorin (2000), que têm realizado levantando importante entorno dos debates científicos no campo da linguística, é preciso sair do campo dos discursos opinativos, especulativos e destaca:

O léxico possui um fundo comum, que caracteriza uma língua e é tão resistente quanto à gramática, porque as noções que ele expressa, de um lado, não são afetadas por mudanças econômicas e sociais, e, de outro, porque são de uso geral e coloquial. Esse fundo comum é o sustentáculo da estrutura léxica de uma língua. (FIORIN, 2000. p. 226)

Tais considerações são importantes para entender que Inglaterra, EUA e Austrália falem inglês, cada país tem regiões com diversidades culturais que implicam em aspectos próprios de viver e falar a língua, ainda que no léxico encontre-se seu ponto de convergência. No que diz respeito aos estrangeirismos, os países que passam por essa influência não estão desvalorizando sua língua nem vão falar o Inglês como um “nativo”, pois estes falantes, sejam quais forem seus domínios da língua estrangeira, possuem seus traços culturais próprios e não precisam ignorá-los para serem considerados fluentes em uma dada língua.

Embora esses empréstimos ocorram com maior frequência a partir do Inglês norte americano, isso não implica dizer que possamos afirmar que este é o “Inglês correto”, logo, apoiados nas novas e diversas pesquisas realizadas sob a luz da linguística, entendemos que a vida escolar não é um campo restrito a discussões gramaticais deslocadas da vida cotidiana dos alunos e do seu meio social, é preciso que escola e professor atuem junto ao alunado lançando reflexões “para além dos muros da escola”, um exemplo de como isso pode ser trabalho com o auxílio da tecnologia encontra-se no site “English as a Lingua Franca — How does English sound around the world?”, criado pelo professor Jeff Costa, onde o alunado pode conferir sotaques em inglês, ouvir e ver vídeos de pessoas de diferentes regiões do mundo falando inglês.

3 METODOLOGIA

A pesquisa pode ser classificada como de abordagem qualitativa, do tipo documental. Qualitativa, pois se trata de uma análise que não ocorre por meio do estabelecimento de variáveis com finalidade quantitativa, corroborando a compreensão trazida por Gerhardt e Silveira (2009) que uma pesquisa é

³ No original: “people identify themselves as members of a society to the extent that they can have a place in that society’s history and that they can identify with the way it remembers its past, turns its attention to the present, and anticipates its future. Culture consists of precisely that historical dimension in a group’s identity”.



compreendida como qualitativa por descrever a qualidade e não a quantidade dos dados contidos no estudo que são analisados de forma elucidativa, ou seja, a partir da interpretação dos mesmos.

Quanto ao aspecto documental de um estudo, Motta-Roth e Hendges (2010) asseveram que uma pesquisa desse tipo tem uma função exploratória e trabalha com *corpus*, por exemplo, arquivos públicos e particulares, imprensa escrita, fontes estatísticas etc., de análise que sejam relacionados ao problema proposto pelo trabalho, neste trabalho os o *corpus* documental analisado são oriundos do formulário de entrevista gerado no Google Forms.

Dessa forma, os meios que tornam possíveis a análise dessas dinâmicas está centrada na técnica de padronização da coleta de dados, realizadas a partir de questionários e da observação sistemática (Silva e Menezes, 2000). Os dados foram coletados a partir de um questionário disponibilizado on-line via e-mail e grupo de alunos e profissionais da área no WhatsApp, mediante o compartilhamento em formato eletrônico via link de acesso.

Neste sentido, o questionário é importante para o pesquisador tem a possibilidade de organizar e estruturar as perguntas e suas disposições de maneira prévia, considerando as necessidades da pesquisa a partir do direcionamento das questões, o que permite-nos acessar dados que não encontraríamos disponível sem houvesse uma intervenção proposital do pesquisador (Silva et al, 1998), além de permitir acessar um número maior de entrevistados.

Dessa forma, o questionário foi disposto em dois segmentos, sendo eles: i) perfil socioeducacional; e ii) compreensão dos entrevistados sobre a temática. Além destes, foi realizado uma revisão bibliográfica sobre a temática, a fim de analisarmos e confrontarmos os resultados da presente pesquisa com os dados e teorias diretamente ligados a temática ou questões que se encontram relacionadas, como é o caso dos conceitos de cultura, alteridade e multiculturalidade.

A pesquisa realizada com 44 entrevistados, havendo 5 (cinco) questões sobre perfil socioeducacional e 7 (sete) questões abertas sobre a temática. Dentre os entrevistados, 45% foram de pessoas do gênero feminino, os percentuais de entrevistados do sexo masculino também foram de 45%, e a minoria (9,1%) do preferiram não responder. Quanto a faixa etária dos respondentes, entre 10 e 20 anos (36,4%), 21 e 30 anos 18,2%, os entrevistados entre 31 e 40 anos também somaram 18,2%; entre 41 e 50 anos 27,3%, não obtendo respostas entre a faixa de idade de 51 e 60 anos. Sobre o grau de escolaridade, tivemos os seguintes resultados: Médio incompleto, 27,3%, Médio completo, 9,1%, superior incompleto, 18,2%, superior completo, 9,1%, pós-graduados, 27,3%, e ensino técnico completo, 9,1%. Perguntados sobre se já estudaram inglês, 81,8% afirmaram que sim, apenas 18,2% afirmam não ter estudado. Dentro desses percentuais, 54,5% estudaram em escolas da rede pública de ensino, 18,2% dizem ter estudado na rede particular de ensino e 18,2% cursinhos, 9,1% afirmam terem estudado de outra forma.



Destacamos, ainda, que o procedimento de amostragem é não probabilística, sendo considerado os aspectos qualitativos, a fim de compreender o quanto o ensino de língua Inglesa, no contexto escolar e nos cursos de línguas, ainda centram o ensino no pilar de uma perspectiva dominada pela hegemonia de uma única cultura, dando margem para o alunado constituir seu aprendizado sob o imaginário de um Inglês “correto” e centralizado em aspectos culturais tidos como fixos e que servem de estandarte para EUA e Inglaterra, principal e majoritariamente.

Diante dessas considerações metodológicas, a seguir, é apresentada a seção de resultados e discussões da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

É importante destacar que sete perguntas (P6, P7, P8, P9, P10, P11 e P12) foram direcionadas sobre a temática e não apresentavam formato de múltipla escolha, para que os respondentes fossem os mais espontâneos possíveis em suas respostas.

Ao serem perguntados na primeira questão (P6) “Quando falamos de língua Inglesa, qual o país/cultura que você lembra primeiro?”, a maioria dos entrevistados respondeu Estados Unidos. Nas perguntas subsequentes, pode-se observar como a recepção da hegemonia norte americana é refletida nos espaços educacionais e externos a estes, por isso perguntamos na P7: “Na sua opinião, o que te fez lembrar primeiro deste país/cultura?”, a maioria dos respondentes citaram aspectos culturais como a música, séries, filmes, outros foram mais abrangentes e citaram “presença no cotidiano” e “cultura popular”, um entrevistado foi mais direto e respondeu “a língua inglesa” um outro respondente citou o “sotaque”.

Os dados acima tornam-se ainda mais expressivos quando associados aos resultados obtidos através da P11: “Quando falamos de ‘Cultura de países que falam a língua inglesa’, quais os países e suas respectivas características culturais que logo vêm a sua mente?”, informações presentes na tabela 1 abaixo:

Quadro 1. P11: “Quando falamos de ‘Cultura de países que falam a língua inglesa’, quais os países e suas respectivas características culturais que logo vêm a sua mente?”

PAÍSES	CARACTERÍSTICAS CULTURAIS
Inglaterra	Chá; Família real; os Pubs e as bandas musicais.
Estados Unidos	Filmes; Fastfood; Milkshake; Música pop; viagens de carro; o gosto deles por fabricar e utilizar armas.
Estados Unidos e Inglaterra	A cultura do Capitalismo; as músicas pop, rock e filmes, superstições e o chá da tarde.
Estados Unidos e Canadá	Hollywood; Las Vegas.
Estados Unidos e Inglaterra	Músicas, o rock.
Inglaterra	Aspectos culturais da música e História.



Estados Unidos	Cultura consumista e capitalista exacerbada.
Estados Unidos:	Entretenimento.
Canadá	Política e Educação.
Inglaterra, Austrália, Canadá	Associa a língua sempre as suas respectivas bandeiras.
Estados Unidos	Os filmes.
Inglaterra	O chá das 17H.
Não me recordo	Não me recordo.

Fonte: Dados da pesquisa, 2023.

Os dados presentes na tabela foram organizados respeitando a escolha dos respondentes em citar um ou mais países, associando a esses casos as combinações de características atribuídas a estes individualmente ou quando citaram dois ou mais países e seus respectivos aspectos culturais. O mais importante é compreender como a indústria cultural, principalmente, a norte americana foi e é fundamental para a disseminação da cultura de EUA, o que evidencia a forte presença da língua inglesa nos mais diversos países e culturais, fator responsável pela diversidade das formas com as quais a língua é experienciada por povos de culturas tão distintas, não sendo passível falarmos de uma forma única de se comunicar usando o inglês.

Na pergunta seguinte (P8), questionamos: “Você acredita que existe uma forma correta de falar o Inglês?”, houve praticamente um empate entre o “sim” e o “não”, mas, faz-se importante destacar, que os respondentes que afirmaram não haver uma forma correta, mas acreditam haver um “padrão” e este seria encontrado no inglês falado EUA. Se aprofundarmos as reflexões sobre os dados coletados, é necessário compreender que ao aprender uma língua ou desfrutar a experiência de um dado elemento cultural pertencente a uma outra nação ou grupo étnico, o nosso primeiro impulso, em muitos casos, é tomar como referência as práticas do povo ao qual esses aspectos culturais pertencem, e quanto mais aproximarmos nossa dinâmica de apropriação a sociedade da qual ela se originou, maiores as possibilidades de participar e transitar por estes espaços onde você é o “estrangeiro”, no entanto, como bem destaca a BNCC (2018)

Saber a língua inglesa potencializa as possibilidades de participação e circulação – que aproximam e entrelaçam diferentes semioses e linguagens (verbal, visual, corporal, audiovisual), em um contínuo processo de significação contextualizado, dialógico e ideológico (BNCC, 2018, p.238).

Partindo dessas considerações, os diferentes processos de significação sejam eles dos signos linguísticos ou dos objetos e interpretações ocorrem na medida em que há maior participação e circulação de práticas sociais, tendo em vista ser a língua uma construção social onde os mais diversos sujeitos interpretam, reinventam sentidos e vão construindo maneiras próprias de expressarem seu valores, ideias e sentimentos, ou seja, sujeito e grupo social fará uso da língua inglesa mediante seu arcabouço cultural.



Os dados coletados, inicialmente, já apontavam para uma concordância com o que propunha a bibliografia da pesquisa, destacando a construção de uma “superioridade” norte americana que foi delineada no imaginário social e a tomada do inglês falado em EUA como referência principal, sem haver uma análise mais ampla sobre as diversidades da língua, seja no campo interno dos Estados Unidos ou externamente. Mas como Kramersch (1998, p. 6) afirma, os meios utilizados para nos comunicarmos com os outros estão envoltos a uma realidade cultural, e estes marcam seja o modo como escrevemos, falamos, gesticulamos, olhamos, independentemente de como nos comunicamos, são reflexos da teia de significados que delineamos e desejamos que o outro compreenda, não sendo a linguagem expressa de uma única maneira em todos os momentos da história de uma nação, nem as outras nações irão utilizar os mesmos meios e teias de significantes e significados para se comunicarem.

5 CONCLUSÃO

Entendemos que o processo de ensino e aprendizado de línguas não começa e nem termina nos estudos dos aspectos ortográficos e gramaticais de uma dada língua, pois sendo essa um seguimento importante que se relaciona diretamente com as estruturas culturais de um povo, nação, país, região e grupos étnico-raciais, é fundamental trazer para a realidade da sala de aula o ensino de línguas associado as questões culturais que a permeiam.

A associação entre língua e cultura melhora a comunicação entre pessoas de culturas distintas, interrompe o ciclo que afirma a existência de uma língua original e imutável e alerta para o fato de que a cultura não é estática, logo, a língua é influenciada pelas mudanças histórico-culturais. Assim, professores e professoras contribuem para um aprendizado onde o aluno compreenda que não precisa imitar um nativo para ser fluente, pois a diversidade linguística está presente em interna e externa a cada nação, devendo cada um respeitar suas especificidades ao falar uma outra língua e entender isso como um traço decorrente da riqueza oriunda da diversidade cultural e linguística, assim, é preciso praticar um processo de ensino e aprendizagem fora da lógica da colonialidade.

Essa perspectiva traz muitas contribuições para a aprendizagem de uma língua estrangeira, pois o professor deve trazer a cultura do aluno para o centro da aprendizagem, por exemplo, podemos trabalhar os estrangeirismos ou empréstimos culturais da língua inglesa no Brasil a fim de que os mesmos identifiquem estes no seu cotidiano e não limitando o Inglês a cultura norte americana, mas apresentar outros países e culturas que possuem suas particularidades quanto aos usos da mesma. Ao traçarmos este processo metodológico mediante uma perspectiva multicultural, estaremos contribuindo para romper estigmas e preparar os alunos para enxergarem a diversidade cultural e linguística como um fator riquíssimo, não havendo uma cultura, língua ou forma de vivenciar uma dada língua que seja superior em detrimento de



outras, daí a importância da conscientização linguística (language awareness) no ensino, principalmente na contemporaneidade onde temos um cenário global com interações multilíngues e plurilíngues.



REFERÊNCIAS

ALVES, P. C. R.; SIQUEIRA, S. A perspectivado inglês como língua francacom agente de decolonialidade no Ensino de Língua Inglesa. *Revista Digital dos Programas de Pós-Graduação - Departamento de Letras e Artes da UEFS*. Feira de Santana, v. 21, n. 2, p. 169-181, mai-ago, 2020. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasleytras/index>. Acesso em: 11 jun. 2023.

BAGNO; M. Cassandra, fênix e outros mitos. *In: Estrangeirismos: guerras entorno da língua*. Carlos Alberto Faraco (org.). 2 ed., São Paulo, Editora Parábola, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

Canclini, N. G. *Culturas Híbridas. Estrategias para entrar y salir de la modernidad*. Buenos Aires, Argentina: Paidós. 2012.

FIORIN, J. L. *Política linguística no Brasil*. Gragoatá, 2000.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. *Métodos de pesquisa*. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/52806>. Acesso em: 11 jun. 2023.

KRAMSCH, C. *Language and culture*. New York: Oxford University Press, 1998.
LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 2006. Disponível em: <https://docs.favenorte.edu.br/files/biblioteca/publicacoes-online/Aprender-Antropologia-Francois-Laplantine.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2023.

LEBRETON, J-M. Reflexões anglófilas sobre a geopolítica do inglês. *In: LACOSTE, Y.; RAJAGOPALAN, K. (Org.). A geopolítica do inglês*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p.12-26.

MARCONDES, D. 2010. *Textos básicos de linguagem. De Platão a Foucault*. Rio de Janeiro: Zahar. 2009.

MOTTA-ROTH, D.; HENDGES, G. R. *Produção textual na universidade*. São Paulo:Parábola Editorial, 2010.

NEGREIROS; Gil Roberto Costa. O estrangeirismo no português do brasil fator descaracterizante?. *Revista Philologus: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*, Ano 11, Nº 31. Rio de Janeiro: CiFEFiL, jan./abr.2005. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/revista/31/06.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.

ORTIZ, Renato. *A diversidade dos sotaques: o inglês e as ciências sociais*. São Paulo: Brasiliense, 2008.

Silva, E. L. da; Menezes, E. M. 2000. *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação*. 3. ed. rev. Atual, Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2001. Disponível em: <https://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>. Acesso em: 27 out. 2022.



Silva, S. M. da; Santos, C. C. M.; Siqueira, J. de O. O uso do questionário eletrônico na pesquisa acadêmica: um caso de uso na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. In *BALAS Proceedings*. South Padre Island: BALAS/University of Texas. 1998.

WERBER, Bernard. Intercultural Communication. Salto-Youth Cultural diversity Resource Centre. 2009. Disponível em <https://www.salto-youth.net/downloads/4-17-1789/Booklet%20Intercultural%20Communication%20Resource%20Pack.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.